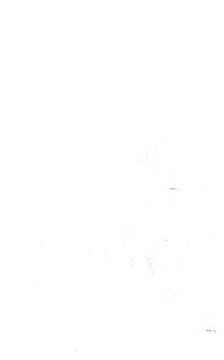


A SINTAXE NARRATIVA DE JOÃO PORÉM, O CRIADOR DE  
PERUS, CONTO DE GUIMARÃES ROSA.

*Diana Luz Pessoa de Barros*



X

- s .

0.

*Diana Luz Pessoa de Barros*

Este exercício de análise da sintaxe narrativa de um conto de Guimarães Rosa (1) tem intenções claras e objetivos bem determinados

Pre tendemos mostrar que a semiótica, desde a **Morfologia do conto** de V. Propp e as investigações sobre o mito de Claude Lévi-Strauss, percorreu muito caminho e que, ao oferecer métodos e técnicas para a análise de textos da chamada "grande literatura", não faz uma generalização apressada e inconseqüente. O alargamento de campo foi possível graças a estudos, no quadro da gramática narrativa, dos mecanismos de modalização, que resultaram no reconhecimento de estruturas de manipulação, de sanção e de paixão.

Em segundo lugar, interessados que estamos em desenvolver propostas de análise discursiva que não descuidem da abordagem interna e imanente do texto, mas considerem igualmente o contexto sócio-histórico de produção e de recepção, pareceu-nos útil fazer ver que, muito embora as estruturas discursivas, e mais especificamente o investimento semântico do discurso, sejam o lugar privilegiado de apreensão da formação ideológica que sustenta o texto, também nas estruturas narrativas manifestam-se os valores. Para tanto, adotamos a concepção de narratividade abaixo resumida em três grandes linhas (2):

A- Narratividade como história de uma **busca de valores**» de uma **procura de sentido**. O Sujeito busca valores investidos no Objeto e que, desta forma, assumidos por um sujeito, passam de valores virtuais a ideológicos

B- Narratividade como uma **sucessão de estabelecimentos e de rupturas de contratos**. O contrato instala-se entre o Destinator e o Destinatário - sujeito, caracterizando o Destinator como doador de competência ao Sujeito e como fonte de valores em jogo

C- Narratividade como **lugar de contratos e de confrontos**. Às relações intersubjetivas e contratuais contrapõem-se as de confronto, e o desdobramento polêmico da narrativa faz surgirem, além do sujeito e do anti-sujeito, dois ou mais destinadores diferentes, cujos valores seriam ditos contrários ou contraditórios em narrativas, a partir daí, conservadoras e reformadoras ou revolucionárias

Finalmente, importa dizer que este trabalho nasceu, em um primeiro momento, de análises parciais e de discussões realizadas em 1983 com alunos do curso de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

O conto a ser analisado foi dividido, por razões práticas, em seqüências, tomando como critério as máximas nele encontradas. As máximas recortam o texto: assinalam mudanças na relação entre a instância da enunciação e o discurso enunciado ao apagarem as marcas discursivas de tempo, espaço e pessoa. Estabelecemos sete seqüências:

Primeira seqüência: até "A aventura é obrigatória" (63 linha)

Segunda seqüência: até "O pão é que faz o cada dia" (173 linha)

Terceira seqüência: até "A vida é nunca e onde" (533 linha)

Quarta seqüência: até "O contrário da idéia fixa não é a idéia solta" (69 5 linha)

Quinta seqüência: até "Infelicidade é questão de prefixo" (79^ linha)

Sexta seqüência: até "mundo passável, tempo sem assunto" (975 linha)

Sétima seqüência: até o fim do texto (1075 linha)

1- Primeira seqüência: doação da competência.

Podemos denominar o primeiro segmento do texto de seqüência de "origem" ou de doação de competência

O esquema narrativo proposto pela teoria semiótica (3) como modelo geral da narratividade compreende três percursos: o percurso do Destinador, que manipula o sujeito e o torna competente para um fazer determinado por certos valores; a percurso do Sujeito, que faz e, des a forma, cumpre o contrato estabelecido; o percurso do Destinator-julgador, que sanciona o sujeito e seu fazer, positiva ou negativamente, de acordo com os compromissos e valores inicialmente assumidos .

Na primeira seqüência podemos reconhecer o percurso da manipulação. **Pai e mãe**, destinadores, doam competência ao destinatário-sujeito para um fazer imprecisamente caracterizado como "viver", "crescer". As qualidades modais do querer e do dever-fazer e do saber e do poder-fazer, atribuídas ao sujeito, são determinadas no texto sobretudo por adjetivos - "sensato, vesgo, não feio, algo gago, saudosos, semi surdo" (45 e 55 linhas) - e pela escolha do nome CJoão Porém.

A organização dos adjetivos em categorias semânticas permite reconhecer, já nessa instância de análise, al-

guns valores da narrativa A oposição de sensato vs saudosos define, de um lado, o sujeito realizado, satisfeito com seus objetos de valor, de outro, o sujeito que aspira a outros valores, ou seja, sujeito complexo, determinado pelos contrários "comum e raro", "ordinário e extraordinário", "prosaico e invulgar", "previsível e inesperado", "normal e excepcional" Tal oposição também se manifesta no nome de João Porém; assim como em "Está chovendo, mas eu vou sair", "está chovendo" sugere a conclusão "eu não vou sair", contrária à da proposição "eu vou sair" introduzida pelo "mas", "João" em "João Porém" é um argumento a favor da sensatez, da norma e da regra, do rotineiro e do prosaico, enquanto "Porém" conduz a ilações opostas

Os demais adjetivos que expressam no texto a competência do sujeito João Porém - "vesgo", "gago" e "semi-surdo" - reforçam também sua caracterização como termo semanticamente complexo João Porém vê e não vê, fala e não fala, ouve e não ouve, apreensão enviesada do mundo e dos homens Além disso, ao mesmo tempo em que é qualificado de "vesgo", "gago" e "semi-surdo", João Porém é dito "não feio"

No decorrer da narrativa, tais qualidades assumem ainda o papel dos objetos mágicos dos contos maravilhosos e dotam o sujeito do saber e do poder-fazer - "Porém tardava-os com a indecisão falsa do zanolho e o pigarro inconcusso da prudência Tornaram e Porém punha convicção no tossir." (223 a 243 linha); "Porém prestou-lhes a metade surda de seus ouvidos" (643 linha); "Porém aqui suspendeu sumamente a cabeça, só zanolhaz, guapamente - vez tudo, vez nada - mais não ver" (933 a 954 linha)

Terminamos a análise da primeira seqüência com

um sujeito virtual, qualificado tanto para um **fazer prosai-**  
**co**, quanto para feitos **extraordinários**. A máxima "A aventura  
é obrigatória", conexão com a seqüência seguinte, antecipa a  
passagem da virtualidade à realização pela ação do sujeito

2- Segunda seqüência: A performance de criação de perus

Reconhecemos na segunda seqüência dois programas  
narrativos diferentes, o de "ser filho", conforme contrato  
social codificado na relação entre filho e pai e explicita-  
mente manifestado no primeiro segmento analisado, e o de  
"criar perus", a partir de contrato social de produção e de  
trabalho São duas formas diferentes de participação na so-  
ciedade, relacionadas neste conto.

O programa resultante do contrato estabelecido  
entre os pais e João Porém é sancionado positivamente sob a  
forma da herança, retribuição que leva a pressupor ter João  
Porém cumprido os compromissos de "bom filho", para os quais  
foi qualificado. A mesma herança, no segundo programa, deve  
ser lida como instância de atribuição ao sujeito do poder-fa-  
zer necessário para criar perus As demais qualidades mo-  
dais - o querer e o saber criar perus - acham-se presumi-  
das no texto e decorrem também da dotação de competência vis-  
ta na primeira seqüência: "Desprendado quanto ao resto, João  
Porém votou-se às aves - vocação e meio de ganho" (93 a  
113 linhas); "Qual o homem e tal a tarefa: congruam-se, co-  
mo um tom de vida, com riqueza de fundo e deveres muito re-  
cortados " (14-3 a 163 linhas)

Na segunda seqüência, por conseguinte, João Po-  
rém converte-se, de sujeito virtual em sujeito realizado co-  
mo criador de perus Ainda nesse segmento seu fazer é jul-

gado positivamente o contrato de trabalho cumprido tem como contrapartida o reconhecimento (próprio) e a retribuição econômica (4): "Avante, até, próspero. Tomara a gosto" (165 linha)

1º programa: "ser bom filho"            25 programa: "criarperus"

Manipulação	Performance do sujeito	Sanção	Manipulação	Performance do sujeito	Sanção
contrato entre os pais e João Porém	João Porém "viçara"	Herança		João Porém cria perus	Satisfação própria e prosperidade econômica
		Reconhecimento do "bom filho" e retribuição	Contrato de trabalho: /po der-fazer/ (já possui as outras qualidades modais)		

3- Terceira seqüência: A performance de "criação de Lindalice" Manifesta-se no terceiro segmento o desdobramento polêmico da narrativa, já pressentido na seqüência anterior e» "De dele rir-se? A de criar perus, os peruzinhos mo-finos foi sempre matéria atribulativa, que malpaga, às poucas estimas" (115 a 135 linhas), quando o trabalho de criar perus é cognitivamente reconhecido pelo grupo social da aldeia como de "poucas estimas" e pragmaticamente não retribuído ("mal paga")

João Porém, portanto, passa a ser manipulado tan



to para criar perus (herança, vocação, etc ), quanto para não o fazer- Desdobra-se a narrativa, os valores se opõem, chocam-se certezas ("Ali qualquer certeza seria imprudência" (192 linha) Para a aldeia, criar perus é tarefa de pouca valia; é, na verdade, deixar de cumprir o contrato social de trabalho

Deste embate não surge, no entanto, o confronto, como luta de classes por exemplo, uma das possibilidades na polêmica narrativa Em vez disso, novos contratos são tentados Por três vezes, os "do lugar" procuram manipular Ooão Porém, para que ele aceite o compromisso que lhe estão apresentando

Primeiramente, usam a figura discursiva da provocação(5) - "Vexavam-no a vender o pequeno terreiro. " (202 linha) -, colocando-o em posição de escolha forçada entre continuar a criar perus e, dessa forma, comprovar a imagem negativa que fazem de sua competência, e abandonar a criação, negando assim o que de mal fora dito a seu respeito Aparece claramente a oposição ideológica entre os dois grupos e, graças às diferenças de valores, Ooão Porém não se deixa manipular Como sabemos, a manipulação perde sua eficácia quando o sujeito manipulado não está inserido na mesma formação ideológica do sujeito manipulador (ou na que se está utilizando para persuadir) Ooão Porém não desiste de criar perus e tampouco se importa com o reconhecimento negativo que sofre, pois outros são os seus valores (já pressentidos na sua apreensão enviesada do mundo)

Malsucedida a provocação, passam a manipulá-lo por intimidação - "Mas lesavam-no, medianeiros, no negócio dos perus. " (282 linha) Alternam-se, portanto, manipula-

ções pelo saber (provocação) e pelo poder (intimidação) A intimidação tentada também não tem sucesso, visto que Ooão Porém, se não faz caso de ser considerado "vilão", tampouco se interessa pelo sucesso econômico: criar perus é, para ele, apenas "meio de ganho", de sobrevivência

Não conseguindo impor a Soão Porém o **dever-fazer**, nem pela provocação, nem pela intimidação, o grupo da aldeia recorre a um terceiro tipo de manipulação, mais complexa, ao mesmo tempo sedução e tentação Oferecem, para isso, valores positivos, tanto de julgamento de competência, quanto de bens de consumo, procurando levar Ooão Porém, desta feita, a **querer-fazer**

A terceira e última tentativa de manipulação parece ter condições de ser bem sucedida, dado que completaria a realização do sujeito, prevista na primeira seqüência textual O programa de criar perus realizou o sujeito Ooão, prosaico e comum, mas o sujeito Porém, extraordinário e invulgar, continuou virtual e insatisfeito - "saudoso" (53 linha, 13 seqüência); "precisava daquilo para sua saudade sem saber de quê; " (383 e 393 linhas, 23 seqüência) Lindallice, a mulher inventada, com a qual os da aldeia procuram seduzir e tentar Soão Porém, torna-se o objeto em que ele pode investir os valores desejados na sua saudade e, graças a esse recurso, assumi-los

Convertida a mulher em objeto de desejo, acreditam os manipuladores que Soão Porém será persuadido a substituir o programa de criar perus pelo de busca da mulher amada Grande engano Ooão Porém consegue conciliar os dois programas narrativos, situando o de criar perus na dimensão pragmática e instalando o de "criar Lindallice" na dimensão

cognitiva(6) A oposição entre pragmático e cognitivo assegura a dupla realização do sujeito, ao mesmo tempo João e Porém.

A dimensão cognitiva manifesta-se sobretudo através do tempo e do espaço discursivos. O tempo cognitivo é marcado como passado, da memória, da saudade - "Precisava daquilo para sua saudade sem saber de quê; causa para ternura imediata Amara-a por fé - diziam lá eles Ou o que mais, porque amar não é verbo; é luz lembrada Segredou seu nome à memória; " (383 a 433 linhas) - e como futuro, da esperança - "A esperança, talvez, sempre cabedora": (523 e 533 linhas) -, para, finalmente, definir-se pela atemporalidade cognitiva da criação de Lindalice - "Sustentava-se nisso, sem mecanismos no conformar-se, feito uma porção de não-relógios " (503 a 623 linha) O espaço cognitivo de "criar Lindalice" caracteriza-se pelos traços de verticalidade superior e de circularidade envolvida, ao contrário do espaço pragmático de criar perus, que é dito horizontal e aberto - "Se assim com aquela como o tivessem cerrado noutro ar, espaço, ponto Sonha-se é rabiscos Segredou seu nome à memória, acima de mil perus, extremamente " (413 a 423 linha) A máxima conectora da seqüência seguinte, "A vida é nunca e onde", condensa perfeitamente as relações de tempo e de espaço estabelecidas entre as dimensões cognitiva e pragmática da narrativa

O recurso às dimensões pragmática e cognitiva é bastante empregado na estruturação narrativa dos textos de Guimarães Rosa Veja-se, por exemplo, "Desenredo", também em **Tutaméia**. Tal procedimento merece ser considerado como um critério, entre outros, de tipologia narrativa e discursiva.

Penso nos textos religiosos e políticos (da Igreja da salvação), em que também se joga, em geral, com as duas instâncias narrativas, compensando, na dimensão cognitiva, os fracassos e os problemas da dimensão pragmática

Voltamos agora à análise do conto, para sintetizar, antes de passarmos ao quarto segmento, o corte no desenvolvimento narrativo efetuado nesta terceira seqüência. A estrutura narrativa encontra-se desdobrada: o sujeito Ooão Porém realizou-se pragmática e cognitivamente como **criador** (de perus e de Lindalice) e recebeu, pelo seu fazer, o reconhecimento positivo do primeiro destinador, cujas propostas contratuais aceitou e cumpriu, e, ao mesmo tempo, a sanção negativa da aldeia, um segundo destinador, que não conseguiu impor-lhe seus valores e impedi-lo de criar perus e de "ter certezas"

	Percurso do Desti- nador: manipulação	Percurso do sujei- to: performance	Percurso do Destina- dor: sanção
DESDOBRAMENTO NARRATIVO	Contrato com o Desti- nador 1 para ser criador	perus (dimen- J são pragmáti- f ca Criar ^ Lindalice (dimensão cog- nitiva)	Positiva (cumpriu o con- trato): satisfação pró- pria e prosperidade eco- nômica
	Contrato com o Desti- nador 2 para não ser criador	Não realizada	Negativa (não cumpriu o contrato): reconhe- cido como "vilão" e prejudicado econômicamente

4- Quarta, quinta e sexta seqüências: novas tentativas de estabelecimento de contrato.

Na quarta seqüência há uma reviravolta narrativa quando a aldeia reconhece Soão Porém, o criador de perus, como herói local, alterando, assim, o julgamento anterior

"E v.em que o tiveram de louvar - sob pressão de desenvolvimento histórico: um, dos de caminhão, da cidade, fechara com o Porém dos perus tráfico ajuste perfeito; e a bela vez é quando a fortuna ajuda os fracos" (543 a 573 linha)

Pela instância de manifestação, a aldeia julga ter Soão Porém aceitado o contrato de trabalho que tem o lucro, o desenvolvimento, o progresso, a realização econômica como objetivos e sanciona-o positivamente Soão Porém integra-se, ainda que no nível do parecer, ao grupo social, assumindo, aparentemente ao menos, seus valores

Se o programa narrativo de criar perus é, nesta etapa da narrativa, bem aceito pelos do lugar, o mesmo não acontece com o programa de "criar Lindalice" A fé, a certeza de Soão Porém continuam a se chocar com os valores da aldeia - "Ali qualquer certeza seria imprudência" (193 e 203 linha, 33 seqüência) - que, de novo, por três vezes, tenta manipulá-lo. Não se trata mais de persuadi-lo a não fazer, a não criar perus, e sim de levá-lo a **não crer**, e, conseqüentemente, a destruir a mulher criada pela fé e pela certeza

A primeira tentativa apresenta-se como um "desdizer", forma cognitiva de provocação, a que Porém escapa, "prestando-lhes a metade surda de seus ouvidos" Recorre, como na primeira provocação (33 seqüência), ao saber e ao po

der-fazer de que fora dotado por meio dos "objetos mágicos" da gagueira, da semi-surdez e do estrabismo.

A segunda ocasião aparece já na quinta seqüência como um tipo de intimidação - "Aconteceu que a moça morreu" (705 linha) -, em que lhe restava apenas escolher entre duas formas diferentes de perder o objeto desejado: não crer na mulher inventada ou dela se ver definitivamente privado pela morte. Uma vez mais, a manipulação não se mostra eficaz e João Porém continua a crer e a manter a mulher no tempo e no espaço cognitivos fora do alcance da morte - "Vem que viam que ele não a esquecia" (845 linha) "Porém, Linda lize ele a pressentia" (865 e 875 ünhas)

Na sexta seqüência há o último esforço de manipulação, outra vez por sedução e por tentação, sob a forma de substituição da mulher criada por uma verdadeira, real. A troca mostra-se impossível devido às diferenças de natureza e à distância que separam objetos cognitivos de objetos pragmáticos. O movimento de João Porém pelo espaço expressa claramente esse afastamento - "Porém aqui suspendeu suma a cabeça, só zarolhaz, guapamente -" (945 e 955 linhas), a máxima que fecha essa sucessão de manipulações fracassadas merece ser comparada com a que pôs fim à primeira série de três manipulações - "A vida é nunca e onde" (535 linha) e " mundo passável, tempo sem assunto." (985 linha) - referindo-se ambas à temporalidade e à espacialidade demarcadoras das dimensões cognitiva e pragmática.

A sexta seqüência encerra-se quando a aldeia, finalmente, desiste de persuadir João Porém, renuncia à tarefa de integrá-lo no seu sistema de valores, acreditando, no entanto, já ter conseguido estabelecer laços e compromissos

com o contrato de trabalho de criar perus

3- Sétima seqüência: inexistência de contrato.

Na sétima seqüência, João Porém morre, sem escolher herdeiros Rompe-se assim o encadeamento narrativo, em contraposição ao ocorrido nos segmentos iniciais do texto, quando a herança cumpriu a função de mediação, preenchendo, ao mesmo tempo, o último percurso de um esquema narrativo (o de ser bom filho) e o primeiro de outro (o de criar perus)

A ruptura narrativa vem mostrar, uma vez mais, que não houve contrato algum entre João Porém e o grupo da aldeia O reconhecimento da ausência completa de relações entre João Porém e os do lugar, "assustou-os" (1005 linha) Os compromissos aparentemente assumidos precisaram ser revidados como mentirosos, isto é, como contratos que pareciam mas não eram, e, a partir dessa reinterpretação, considerados como falsos contratos ou contratos inexistentes A oposição de valores não tem mais como ser camuflada e a antevisão de outras verdades, a que a ruptura, sem dúvida alguma conduz, explica o susto.

"Tinham de o rever inteiro" (1015 linha)

"Mas, com ele não aprendiam, nada" (1065 e 1075 linhas)

"Agora o caso não cabendo em nossa cabeça" (15 e 25 linhas)

6- Uma leitura: tema da criação

A organização narrativa que determinamos para o conto pode sofrer muitas leituras diferentes. Não é nossa in\_

tenção neste trabalho mostrar as ou algumas possibilidades de investimentos da semântica discursiva, por razões já no início apresentadas. Para terminar, porém, nosso exercício de análise de forma mais convincente, tomaremos uma das leituras possíveis, a do tema da **criação**, restringindo-o, grosseiramente, à criação artística e, mais ainda, à literária. Preenchido o arcaçouço narrativo pelo percurso temático da criação literária, identificamos o autor como herói mítico, e criador, entre o prosaico e o extraordinário e capaz de conciliar o saber sobre o mundo, da dimensão cognitiva, com o fazer no mundo, da dimensão pragmática. Herói que não é reconhecido como tal ou, quando o é, apenas no nível do parecer e não do ser e ao qual cabe propor novas leituras do mundo, enviesadas, inesperadas e imprevisíveis, obrigando o grupo social a rever o que sempre lhe parecera certo e sabido.

Uma outra história, mas não tão outra assim, se pretendemos, em última instância, construir o sentido do texto, é discutir a visão estética e a concepção de criador, marcadamente ideológicas, acima propostas. Para tanto, torna-se necessário inserir este conto no contexto de outros textos, na intertextualização que o localiza na História Sem essa contextualidade não poderemos apreender, agora no nível da enunciação, o jogo ideológico das instâncias destinadas, da mesma forma que tentamos fazê-lo na sua simulação narrativa e discursiva.



NOTAS

1.

30ÃO PORÉM, O CRIADOR DE PERUS

*Se procuro, estou achando.*

*Se acho ainda estou procurando?*

Do QUATREVO.

1 Agora o caso não cabendo  
2 em nossa cabeça O pai teimava que ele não fosse Ooão,  
3 nem não A mãe, sim Daí o engano e nome, no assento  
4 de batismo. Indistinguível disso, ele viçara, sensato, vesgo,  
5 não feio, algo gago, saudoso, semi-surdo; moço. Pai e  
6 mãe passaram; pondo-o sozinho. A aventura é obrigatória  
7 Deixavam ao Porém o terreno e, ainda mais, um peru  
8 pastor e três ou duas suas peruas

9 E tanto; aquilo tudo e egiptos Desprendado quanto ao  
10 resto, 3oão Porém votou-se às aves - vocação e meio de  
11 ganho De dele rir-se? A de criar perus, os peruzinhos  
12 mofinos, foi sempre matéria atribulativa, que malpaga, às  
13 poucas estimas

14 Não para o Doão. Qual o homem e tal a tarefa: coji  
1 5 gruíam-se, como um tom de vida, com riqueza de fundo e  
16 deveres muito recortados Avante, até, próspero. Tomara  
17 a gosto O pão é que faz o cada dia

18 3á o invejavam os do lugar - o céu aberto ao público  
19 - aldeiazinha indiscreta, mal saída da paisagem. Ali qual-  
20 quer certeza seria imprudência. Vexavam-no a vender o  
21 pequeno terreiro, próprio aos perus vingados gordos.  
22 Porém tardava-os, com a indecisão falsa do zarolho e o  
23 pigarro inconcusso da prudência Tornaram; e Porém  
24 punha convicção no tossir, prático de economias quimé-  
25 ricas, tomadas as coisas em seu meio.

26 Desistiram então de insistir, ou de esperar que, mais-  
27 -menos dia, surgida alguma peste, ele desse para trás  
28 Mas lesavam-no, medianeiros, no negócio dos perus, pro-  
29 duzidos já aos bandos; abusavam de seu horror a qual-  
30 quer espécie de surpresas Porém perseverava, conside-  
31 rando o tempo e a arte, tão clara e constantemente o sol  
32 não cai do céu No fundo, coqueirais Mas inventaram,  
33 a despautação, de espevitar o espírito.

34 Incutiram-lhe, notícia oral: que, de além-cercanias, em  
35 desfechada distância, uma ignorada moça gostava dele. A

36 qual sacudida e vistosa -olhos azuis, liso o cabelo - Lin-  
37 dalice, no fino chamar-se João Porém ouviu, de sus-  
38 brusco, firmes vezes; miúdo meditou Precisava daquilo,  
39 ^ para sua saudade sem saber de quê, causa para ternura  
40 intacta. Amara-a por fé - diziam, lá eles. Ou o que mais,  
41 porque amar não é verbo; é luz lembrada. Se assim com  
42 aquela como o tivessem cerrado noutro ar, espaço, ponto.  
43 Sonha-se é rabiscos. Segredou seu nome à memória, acima  
44 de mil perus, extremadamente

45 Embora de lá não quisesse sair, em busca, deixando o  
46 que de lei, o remédio de vida. - **Não ia ver o amor?**-  
47 instavam-no, de graça e com cobiça. Arrendar-lhe-iam o  
48 sítio, arranjavam-lhe cavalo e viático. Se bem pensou,  
49 melhor adiou: aficado, com recopiada paciência, de entre  
50 os perus, como um tutor de órfãos Sustentava-se nisso,  
51 sem mecanismos no conformar-se, feito uma porção de  
52 não-relógios A moça, o amor? A esperança, talvez, sem  
53 pre cabedora A vida é nunca e onde.

54 E vem que o tiveram de louvar - sob pressão de  
55 desenvolvimento histórico: um, dos de caminhão, da cidade,  
56 fechara com o Porém dos perus tráfico ajuste perfeito;  
57 e a bela vez é quando a fortuna ajuda os fracos.

58 Nem se dava disso, inepto exato, cuidando e ganhando,  
59 só em acrescentamentos, homem efetivo, já admirado, tido  
60 na conta de ouro. Pasmavam, os outros Pudera crer na  
61 inventada moça, tendo-a a peito? Ágil, atento, sempre  
62 queria antigas novidades dela

63 De dó ou cansaço, ou por medo de absurdos, acharam  
64 já de retroceder, desdizendo-a Porém prestou-lhes a me-  
65 tade surda de seus ouvidos Sabia ter conta e juízo, no  
66 furtivar-se; e, o que não quer ver, é o melhor lince  
67 Aceitara-a, indestruiu-a. Requieto, contudo, na quietude,  
68 na inquietude O contrário da idéia-fixa não é a idéia  
69 solta

70 - **"Aconteceu que a moça morreu. "** - arrepen-  
71 didos tiveram então de propor-lhe, ajuntados para o dis-  
72 suadir, quase com provas Porém gaguejou bem - o  
73 pensamento para ele mesmo de difícil tradução: - **Esta**  
74 **não é a minha vez de viver** - quem sabe 'Maior  
75 entortou o olhar, sinceramente evasivo, enquanto coléricos  
76 perus sacudiam grugulejos Tanto acreditara? Segurava-se  
77 á falecida - pré-anteperdida. E fechou-se-lhe a estrada  
78 em círculo.

79 Porém, sem se impedir com isso, fiel à forte estreiteza,  
80 não desandava Infelicidade é questão de prefixo Mane —  
81 java a tristeza animal, provisória e perturbável. Se falava,  
82 era com seus perus, e que viver é um rasgar-se e remer»  
83 dar-se Era só um homem debaixo de um coqueiro.

84 Vem que viam que ele não a esquecia, viúvo como o  
85 vento Andava o rumo da vida e suas aumentadas substi-  
86 tuições Ela não estava para trás de suas costas Porém,  
87 Lindalice^, ele a persentia Tratava çentena de peruzinhos  
88 em gaiolas, e outros tantos soltos, já com os pescoços  
89 vermelhos

90 Bem que bem — e porque houvesse justo o coincidir  
91 fortuito — moveram de o fazer avistar-se com uma mo-  
92 cinha, de lá, também olhos azuis, lisos cabelos, bonita e  
93 esperta, igual à outra, a urdida e consumida. Talvez desse  
94 certo Pois,- por sombras! Porém aqui suspendeu suma a  
95 cabeça, só zarolhaz, guapamente — vez tudo, vez nada —  
96 a mais não ver

97 Deixaram-no, portanto, dado às aranhas dos dias,  
98 anos, mundo passável, tempo sem assunto. E Porém mor-  
99 reu; nem estudou a quem largar o terreno e a criação.  
100 Assustou-os

101 Tinham de o rever inteiro, do curso ordinário da vida,  
102 em todas as partes da figura — do dobrado ao singelo.  
103 Soão Porém, ramerrameiro, dia-a-diário — seu nariz sem  
104 ponta, o necessário siso, a força dos olhos caolhos — imó-  
105 vel apaixonado: como a água, incolormente obediente

106 Ele fora ali a mente mestra Mas, com ele não apren-  
107 diam, nada Ainda repetiam só: — "Porém! Porém."  
108 Os perus, também

2- Greimas, A.3. e Courtés, 3 - **Dicionário de Semiótica**. Tra-  
dução de A.D.Lima e outros São Paulo, Cultrix, 1983

3- Vêjam-se os verbetes sobre **esquema, percurso e programa  
narrativos** em Greimas, A.3 e Courtés, 3 - **Dicionário de  
Semiótica**. São Paulo, Cultrix, 1983

4- A sanção se localiza nas duas dimensões narra'tivas, na  
pragmática e na cognitiva A sanção pragmática é um juí-  
zo, proferido pelo Destinador-julgador, sobre o fazer do  
sujeito, visto sobretudo em relação ao cumprimento ou não  
do contrato inicial, e corresponde à retribuição, sob a  
forma de recompensa (positiva) ou de punição (negativa)

A sanção cognitiva é, por sua vez, um juízo sobre o ser do sujeito e equivale ao reconhecimento (positivo) do herói ou ao desmascaramento (negativo) do vilão

- 5- Uma tipologia provisória das figuras discursivas da manipulação permite distinguir quatro tipos: a provocação, a sedução, a tentação e a intimidação. Dois critérios básicos estão sendo utilizados nessa rápida classificação. O primeiro é o da competência do manipulador que age segundo o saber, provocando e seduzindo, ou segundo o poder, tentando e intimidando. Na provocação e na sedução, o sujeito manipulado se vê em posição de escolha forçada entre a imagem de sua competência apresentada pelo manipulador, imagem negativa no caso da provocação e positiva no da sedução, e o fazer para o qual está sendo conduzido. Na tentação e na intimidação, o manipulador oferece ao manipulado, para que ele faça o pretendido, objetos de valor, respectivamente positivo e negativo. O segundo critério é o da mudança operada na competência modal do sujeito manipulado, que passa a querer ou a dever-fazer. O querer-fazer, individual, caracteriza os sujeitos seduzidos ou os tentados; o dever-fazer, social, os provocados e os intimidados.
- 6- Veja-se, para dimensão pragmática e para dimensão cognitiva, Greimas e Courtés; op.cit

**Diana Luz Pessoa de Barros**

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Universidade de São Paulo